



BIBLIOTECAS
MUNICIPAIS
DE LISBOA

REVISTA CONTEMPORÂNEA DE PORTUGAL E BRASIL – mensário lisboeta de divulgação literária, artística e científica publicado entre 1 de Abril de 1859 e 31 de Março de 1865, com “escritório” na sobreloja do n.º 7 da Calçada do Sacramento¹, em Lisboa. Foi impresso em formato in 8.º grande, paginado como livro, na Tipografia do Futuro (Rua da Cruz de Pau, n.º 15) de Abril de 1859 a Março de 1860 (o 1.º volume na sua edição original) e, nos anos posteriores, na Tipografia Franco-Portuguesa (Rua do Tesouro Velho, n.º 6)². Os seus 60 números ou fascículos compõem uma coleção editorial de cinco volumes, todos com índice, de cujo primeiro se fez segunda edição em 1861³.

PROPÓSITO E NATUREZA

Acolhendo, como veremos, vários colaboradores que haviam já participado na *Ilustração Luso-Brasileira* (1856-1859)⁴ — mas sem ter com esta nenhum vínculo editorial — a **Revista Contemporânea de Portugal e Brasil** inspirava-se na *Revue des Deux Mondes* e propunha-se, segundo a “Introdução” de **Luís Augusto Rebelo da Silva (1821-1871)**, concretizar «uma ideia, que sem ser inteiramente nova, nunca chegou entre nós a naturalizar-se, mais por culpa das circunstâncias, do que por falta de acolhimento», a saber, a de «criar uma publicação, que participe a um tempo da seriedade do livro e da variedade do jornal, oferecendo uma galeria de quadros, em que as artes e as ciências realcem o lustre próprio pela beleza do pincel.»⁵

Para além deste propósito vago mas meritório, o texto de apresentação da **Revista Contemporânea** caldeava a ambição de posteridade com a cautela de quem iniciava um caminho que se sabia árduo:

«Por mais lisonjeira que saia a estreia, para se lhe firmar a existência, são precisos recursos, que nem sempre acompanham os melhores desejos. A esta dificuldade, já de si bastante árdua, ainda acrescia outra igual, senão maior, e era a dúvida de alcançar a colaboração ativa dos escritores mais versados nas diversas especialidades e mais estimados do público, pela elevação do seu talento [...]

A REVISTA CONTEMPORÂNEA, se não venceu todas as dificuldades, pelo menos ousa assegurar, que não abalçou a ocupar um posto perigoso na imprensa, sem primeiro pedir à prudência as possíveis fianças de êxito, preferindo principiar pelo moderado ensaio das suas forças, e não se aventurando desde logo, com precipitada ufania, a seguir, nos seus voos mais altos e distantes, as obras da mesma índole, que largos anos de duração e repetidos triunfos

¹ Em duas coleções desta publicação que pudemos compulsar, a folha de rosto mais antiga é a do 2.º volume, datada de 1860 (o 1.º volume é da 2.ª ed., de 1861), e indica apenas a tipografia. É portanto possível que, à data da sua aparição pública, a *Revista Contemporânea* não tivesse ainda estabelecido local próprio de redação e administração.

² Cf. António Xavier da Silva Pereira, *Dicionário Jornalístico Português*, vol. 4, fl. 2049.

³ A presente coleção da Hemeroteca Municipal de Lisboa pertenceu à biblioteca de Aníbal Fernandes Tomás, ostentando o seu *ex-libris* nas contraguardas de todos os volumes.

⁴ Sobre a *Ilustração Luso-Brasileira*, já disponibilizada na Hemeroteca Digital, ver a ficha histórica que lhe dedicou Rita Correia, “Ilustração Luso-Brasileira: jornal universal” [disponível em linha em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/IlustrLusoBr.pdf>].

⁵ *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*, Vol. 1, pp. 3-5.

sagraram com justo elogio como arquivos riquíssimos do saber, e, mais ainda, como verdadeiros monumentos da literatura das nações.

Um jornal, como o que vamos empreender, não promete senão o que pode cumprir. A lisura e o decoro vedam-lhe os pomposos programas, que dita de boa-fé a exaltação do entusiasmo, mas a que raras vezes corresponde a realidade. [...]

A esfera de ação que abraça uma REVISTA, como a que tentamos, é tão ampla, e tende sempre a alargar-se tanto, que de ano para ano se vê obrigada a engrandecer o primitivo plano, e a tirar dos resultados obtidos novos estímulos para não se mostrar inferior ao que necessita ser, e decair da reputação conquistada. [...]

[...] Um jornal, que se propôs o fim que a REVISTA CONTEMPORÂNEA leva em vista, nunca pode esquecer que as suas páginas não foram estampadas para se rasgarem com indiferença depois de satisfeita a curiosidade momentânea; mas que, lavradas com o cuidado que torna eterno o livro, a sua coleção, ao cabo de alguns anos, constituirá uma verdadeira biblioteca, em que se devem encontrar todas as questões, que interessam o desenvolvimento intelectual e político do mundo. [...]»⁶

DIREÇÃO E COLABORADORES

Foi pois com este propósito de dar periodicamente à estampa um repositório de conhecimentos duráveis que se consubstanciariam na forma material de livro que a **Revista Contemporânea** foi fundada por **Ernesto Biester (1829-1880)**, **António Xavier de Brederode (1835-1867)** e **José Maria de Andrade Ferreira (1823-1875)**⁷, sendo os dois primeiros seus coproprietários.

Ernesto Biester, dramaturgo de grande popularidade, tradutor, jornalista e, mais tarde, empresário do Teatro de D. Maria, havia já colaborado no *Panorama* e na *Ilustração Luso-Brasileira*, e haveria de fundar os títulos *Gazeta do Povo* (com Pinheiro Chagas, 1869-1872) e *Gazeta do Dia* (1875). Tinha a seu cargo na **Revista Contemporânea** a parte literária e foi, do princípio ao fim da publicação, o seu principal esteio: dirigiu-a do primeiro ao último número, foi seu único proprietário a partir de 1864 e assinou com permanência uma “Crónica” de atualidade cultural e, a partir do 4.º volume, uma “Crónica Bibliográfica” recenseando as novidades editoriais. Não resistimos a transcrever os retratos que dele fez Sousa Bastos, de forma mais genérica: «foi jornalista inferior, empresário sem aptidões, tradutor incorreto; mas autor dramático fecundo, *faiseur* de verdadeiro mérito. As suas peças originais, que não resistiam a uma crítica severa e imparcial, deram bastante dinheiro ao teatro»⁸; ou mais limitado à sua faceta jornalística: «figurou no jornalismo, onde publicou alguns artigos críticos de pouco valor e algumas crónicas inferiores. Trabalhei ao seu lado na *Gazeta do Dia* e tive ocasião de observar as dificuldades com que ele lutava para escrever qualquer artigo. Rasgava vinte quartos de papel, fazia trinta emendas e muitas vezes acabava por nada escrever que se aproveitasse. Quem o via trabalhar, pasmava de como ele tinha produzido tanto para o teatro.»⁹

⁶ *Ibidem*.

⁷ Cf. António Xavier da Silva Pereira, *op. cit.*, fl. 2049.

⁸ Sousa Bastos, *Dicionário do teatro português*, p. 241.

⁹ Sousa Bastos, *Carteira do artista: apontamentos para a história do teatro português e brasileiro...*, pp. 445-446.

António Xavier de Brederode era na *Revista Contemporânea* o sócio capitalista¹⁰. Fundou-a e codirigiu-a desde o n.º 11 (Fevereiro de 1860)¹¹ até concerteza Julho de 1862 (última data em que o próprio reportou ter tratado de negócios a ela relativos) ou possivelmente até Abril de 1863 (fim do 4.º volume; o volume seguinte, e último, foi já de exclusiva propriedade e direção de Biester). Colaborou apenas, e escassamente, no 1.º volume. Assinou a 9 de Junho de 1862 a escritura da sociedade com Ernesto Biester nesta empresa, mas já no dia 4 anterior anotara: «estou em grande crise financeira, como sairei dela?». Ainda assim, em rol de contas datado de dia 24 desse mês assinalará 45\$000 que deu para despesas da *Revista Contemporânea*. E envolvia-se na gestão da mesma: a 7 de Julho de 1862 — «Fui hoje [...] falar com o Marquês de Sousa Holstein [...]. Falámos [...] do assunto principal da nossa conversação, que era a melhor e mais breve maneira de sair o retrato da Princesa Maria Pia¹² na *Revista Contemporânea*, de que eu sou proprietário de sociedade com o Biester. [...] Uma das coisas em que falámos foi na revista e o marquês disse-me, sem eu em tal lhe falar, que havia de propor a El-Rei fazer-me Cavaleiro de S. Tiago, porque eu o merecia por haver fundado a Revista, o que era um grande serviço. *Risum teneatis*. Do Paço vim [...] ao Naci, levar-lhe dois retratos (*cartes de visite*) da Princesa Pia, que o Marquês de Sousa Holstein me havia confiado, e que eram para o Naci fazer deles retratos grandes. Dali vim ao Sousa gravador pedir-lhe que gravasse o retrato com toda a brevidade [...]». As suas dificuldades financeiras terão ditado o rompimento da sociedade e o seu afastamento da revista.

José Maria de Andrade Ferreira estreara-se em verso no jornal *O Panorama* (1846), fundara e dirigira a *Revista dos Espectáculos* (suplemento da *Revista Popular*, 1850-1857) e integrara o corpo redatorial de *A Opinião* (1857) — onde deixou a maior e mais válida parte da sua obra. Do que publicou em livro, é recordado como autor de um primeiro tomo de um *Curso de Literatura Portuguesa* a que, por sua morte, Camilo Castelo Branco deu valorosa continuidade num segundo volume¹³. Havia colaborado na *Ilustração Luso-Brasileira* e codirigiu esta *Revista Contemporânea* (com Ernesto Biester) apenas até ao seu n.º 4¹⁴. Não deixou, contudo, de colaborar nela assiduamente ao longo dos seus quatro primeiros volumes (1859-1863).

A este trio fundacional juntou-se um naipe valoroso de colaboradores. Curiosamente, nem todos os nomes arrolados como «colaboradores efetivos» nos índices de cada volume produziram de facto artigos para publicação. Dos que realmente colaboraram, salientemos, desde logo, os que o haviam já feito na *Ilustração Luso-Brasileira*: **António Pedro Lopes de Mendonça (1826-**

¹⁰ Sobre António Xavier de Brederode veja-se, do próprio, *Paixão de um janota: António Xavier de Brederode: diário de um fidalgo lisboeta de meados de novecentos [sic]*, introdução, fixação de texto e notas de Fernando Brederode Santos, 2006, obra da qual retirámos todos os elementos relativos à sua ligação com a *Revista*.

¹¹ V. António Xavier da Silva Pereira, *op. cit.*, fl. 2049.

¹² António de Brederode integrou a comitiva que foi a Génova por motivo do casamento da Princesa; o retrato saiu em gravura no volume 4 da *Revista*, p. 61, seguido de artigo relativo a Maria Pia pelo Marquês de Sousa Holstein.

¹³ V. o prefácio de Viale Moutinho a Camilo Castelo Branco, *Curso de Literatura Portuguesa*, especialmente pp. III-IV.

¹⁴ Cf. António Xavier da Silva Pereira, *op. cit.*, fl. 2049.

1865), Francisco Maria Bordalo (1821-1861) — participando ambos apenas nos dois primeiros volumes —, **Bulhão Pato (1829-1912)** — nos volumes 1 a 3 —, **Henrique Van Deiters (c. 1839-1862), José de Torres (1827-1874)** — nos 3.º e 4.º volumes —, **Latino Coelho (1825-1891), José Ramos Coelho (1832-1914)** — ambos do 1.º ao 4.º volume —, **José da Silva Mendes Leal Júnior (1818-1886), Luís Augusto Palmeirim (1825-1893) e Luís Augusto Rebelo da Silva (1821-1871)**, a quem coube redigir a “Introdução” a esta *Revista Contemporânea* — estes últimos três ao longo de toda a publicação. A estes se juntaram **Camilo Castelo Branco (1825-1890)**¹⁵, **Faustino Xavier de Novais (1820-1869)** — que foi seu correspondente no Rio de Janeiro no volume 3 (1861-1862) —, e **Andrade Corvo (1824-1890)** — assinando em nome próprio ou sob o pseudónimo de **Sofia da Soledade**.

Este grupo, que etariamente representava o eixo da segunda geração romântica, acolheu ombro a ombro nas páginas da *Revista Contemporânea* colaboradores da geração precedente e elementos mais novos, nascidos já depois da década de 20. Entre os vultos tutelares contaram-se **D. Catarina Álvares de Andrada (17---1860)** — que publicou o seu último escrito no 2.º volume deste periódico —, **António Feliciano de Castilho (1800-1875), António José Viale (1806-1889), Júlio Pimentel (1809-1884)**¹⁶, **Inocêncio Francisco da Silva (1810-1876), José Feliciano de Castilho (1810-1879)** — que escrevia do Brasil —, **Serpa Pimentel (1814-1870), Teixeira de Vasconcelos (1816-1878)** — que aqui publicou *A Ermida de Castromino* —, **Silva Túlio (1818-1884)**¹⁷ e **João de Lemos (1819-1890)**.

Dos mais novos, mencionem-se o **Visconde de Benalcanfor (1830-1889), Ana Plácido (1831-1895)** — sob as iniciais **A. A.** —, **Tomás Ribeiro (1831-1901), Júlio César Machado (1835-1890), Inácio Francisco Silveira da Mota (1836-1907), Bernardino Pinheiro (1837-1896)**¹⁸, o **Marquês de Sousa Holstein (1838-1878), Zacarias de Aça (1839-1908), Júlio de Castilho (1840-1919), Xavier da Cunha (1840-1920)** — com o pseudónimo de **Olímpio de Freitas** —, **Eduardo Augusto Vidal (1841-1907), o goês Jacinto Caetano Barreto de Miranda (1842-1879), Alberto Osório de Vasconcelos (1842-1881), Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895)** — em nome próprio ou com o pseudónimo de **Clotilde Z.**¹⁹ — e **Teófilo Braga (1843-1924)**.

A este vastíssimo leque de colaboradores na *Revista Contemporânea* nem a realeza escapou: **D. Pedro V (1837-1861)** publicou nela um artigo sobre a “Praça de Gaeta” (vol. 2, pp. 524-527), assinando com o pseudónimo de **Azobolos**; mais assíduo, **D. Fernando (1816-1885)** deu à estampa nas

¹⁵ Sobre a colaboração de Camilo nesta *Revista* e em que livros deste autor foi depois ela recolhida, ver Alexandre Cabral, “Revista Contemporânea de Portugal e Brasil”, in *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, p. 561.

¹⁶ 2.º Visconde de Vila Maior, havia dirigido o município lisboeta em 1858-1859.

¹⁷ António da Silva Túlio dirigiu temporariamente esta *Revista Contemporânea* em 1864 (5.º volume), por impossibilidade de Ernesto Biester (cf. António Xavier da Silva Pereira, *op. cit.*, fl. 2049).

¹⁸ Republicano, foi um dos fundadores do Grémio Literário Português do Rio de Janeiro, quando lá residiu na juventude.

¹⁹ Cf. Ernesto Rodrigues, “Revista Contemporânea de Portugal e Brasil”, in *Dicionário do Romantismo Literário Português*, p. 464, e *idem*, *Mágico Folhetim*, p. 168, n.º 335.

páginas desta revista vários dos seus desenhos. Naturalmente, a ilustração deste mensário não se limitou aos dotes deste real amador: destacaram-se na colaboração artística **Silêncio Cristão de Barros (1792-ca. 1870)**, **Francisco Augusto Metrass (1825-1861)**, **Tomás José da Anunciação (1818-1879)** e **João Cristino da Silva (1829-1877)**.

Pese embora o carácter binacional enunciado no título da publicação, a verdade é que a colaboração por autores brasileiros se mostrou muitíssimo diminuta: participações singulares, ou quase, de **Gonçalves Dias (1823-1864)**, de **João Francisco Lisboa (1812-1863)** — que estava na capital portuguesa —, de **Machado de Assis (1839-1908)** e de **Reinaldo Carlos Montoro (1831-?)**.

CURSO DE PUBLICAÇÃO

A *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil* manteve-se, ao longo do seu curso de publicação, praticamente inalterada do ponto de vista gráfico. Em termos editoriais, só é visível uma alteração na economia de conteúdos ao volume 5.º, o último da coleção.

Sob a direção e propriedade de **Ernesto Biester** e **António Brederode**, a *Revista Contemporânea* apresentou-se com 48 páginas por número, ancoradas num artigo de teor biográfico (acompanhado de gravura)²⁰ e na “Crónica” de Ernesto Biester, a que acresciam textos de teor variável — **com claro predomínio dos temas literários, seguidos das matérias artísticas e, só residualmente, de assuntos científicos**. A inserção de gravuras era abundante, com 23 espécimes por volume no primeiro e segundo anos de publicação.

No 3.º volume da coleção (Abril de 1861 - Março de 1862) assistiu-se a ténues alterações: os textos passaram a iniciar-se com capitulares decoradas, o número de gravuras baixou para cerca de metade (12 a 13 espécimes por volume) e à “Crónica literária” de **Biester** juntou-se uma “Crónica política” não

²⁰ Ao longo da sua publicação, a *Revista Contemporânea* publicou biografias (com gravura) das seguintes personalidades: 1.º volume — Alexandre Herculano, José Estêvão Coelho de Magalhães, António de Serpa, José Maria de Casal Ribeiro, Manuel Maria da Silva Bruschy, José Eduardo de Magalhães Coutinho, António Feliciano de Castilho, Adelaide Ristori, Luís Augusto Rebelo da Silva, José da Silva Mendes Leal, Tomás José d’Anunciação, Raimundo António de Bulhão Pato; 2.º volume — D. Fernando, José Maria Latino Coelho, José Jorge Loureiro, Joaquim Cristino da Silva, Emília das Neves e Sousa, João de Andrade Corvo, António Augusto Soares de Passos, António Maria Fontes Pereira de Melo, Frei Francisco de Mont’Alverne, Júlio Máximo de Oliveira Pimentel, Francisco Augusto Metrass, Francisco Maria Bordalo; 3.º volume — D. Pedro V, D. Isabel, herdeira do trono do Brasil, Barão de Mauá, Francisco Alves da Silva Taborda, D. Leopoldina, princesa do Brasil, D. Maria Peregrina de Sousa, Rodrigo da Fonseca Magalhães, José Joaquim Rodrigues Bastos, D. Luís, Francisco Octaviano de Almeida Rosa, D. Antónia de Saxe-Cobourg-Gotha, António Rodrigues Sampaio; 4.º volume — Inocêncio Francisco da Silva, D. Maria Pia, José Xavier Mouzinho da Silveira, Infante D. João, Passos Manuel, José de Almeida e Lencastre, Manuel Odorico Mendes, António Luís de Seabra, Teófilo Benedito Ottoni, Camilo Castelo Branco, Joaquim José Tasso, Júlio César Machado; 5.º volume — Almeida Garrett, Tomás Ribeiro, José da Silva Carvalho, Gonçalves Dias, José Gomes Monteiro, Domingos José Gonçalves de Magalhães, D. Pedro IV, Duque de Palmela, Francisco Gomes de Amorim, Conde d’Ávila, António Pedro Lopes de Mendonça, Visconde do Uruguai (Paulino José Soares de Sousa).

assinada (que desaparecerá no volume 4). **O eixo da publicação continuava a ser o artigo biográfico.**

Finalmente, após um ano de interrupção entre Abril de 1863 (n.º 12 do ano 4) e Abril de 1864 (n.º 1 do ano 5)²¹ — no qual **António de Brederode** abandonou (por problemas financeiros?) a propriedade e direção da revista — o mensário reapareceu, sob a responsabilidade única de **Biester**, com o seguinte prospeto:

«Depois de alguns meses de interrupção a *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*, novamente empreende e prossegue a sua carreira. Por espaço de quatro anos numerosos e estimáveis sufrágios acolheram com singular benevolência esta publicação única do seu género no país, e saudaram nela a gravidade dos intuitos, o esmerado da forma e a reunião dos mais brilhantes e afamados talentos com os mais primorosos produtos e fantasias do buril e do lápis com que um Príncipe bem amado não duvidou honrá-la protegendo-a.

As mesmas condições escrupulosamente mantidas, como tem sido, e como serão, afiançam iguais resultados. A *Revista Contemporânea*, habilitada hoje a continuar a sua publicação com definitiva regularidade, timbrará tanto no acurado dos artigos, como na execução tipográfica, como na severa pontualidade. O seu programa está feito há muito; a sua esperança é o futuro. No dia 30 de cada mês sairá infalivelmente um número ou fascículo de 56 páginas contendo:

PRIMEIRA PARTE

Retrato gravado de um homem eminente nas letras, artes, ciências ou política de Portugal e Brasil, acompanhado de um esboço biográfico.

Romances; poesias, estes escritos serão de conhecidas e apreciadas superioridades.

SEGUNDA PARTE

Crónica científica, por J. d'Andrade Corvo.

Crónica política nacional e estrangeira, por A. A. Teixeira de Vasconcelos.

Crónica bibliográfica, notícia de todas as novas publicações, por Ernesto Biester.

Crónica do mês, por Júlio César Machado.

Crónica de modas, por Clotilde Z.

Variiedades.

No verso e reverso da capa, apontamentos de economia doméstica, e anúncios.»²²

Em suma, o mesmo propósito inicial mas vertido agora em 56 páginas por número, **organizadas segundo uma nova “grelha” de conteúdos, mais próxima do formato jornalístico**: permanecia o artigo-âncora de teor biográfico, mas as restantes matérias passaram a alinhar-se por um molde estrito onde predominava a crónica assinada, com alargamento dos temas ao campo político (já ensaiado no 3.º volume) e à “moda”.

Pelo mesmo prospeto se fica a saber que a ***Revista Contemporânea***, de que era agora administrador F. da Costa da Mata, se vendia, em 1864, ao preço

²¹ Cf. António Xavier da Silva Pereira, *op. cit.*, fl. 2050.

²² A folha deste prospeto não existe na coleção da Hemeroteca Municipal de Lisboa. Existe no exemplar do 4.º volume (onde foi encadernada no final do volume, após o índice) pertencente à Biblioteca de Munique, que pode ser consultado *online* no seguinte endereço: <http://books.google.pt/books?id=QAZHAAAACAAJ&printsec=frontcover&dq=revista+contemporanea+de+portugal+e+brasil+4&hl=pt-PT&sa=X&ei=N0ShUsrLH8Sjhqe2voCIDg&ved=0CDEQ6AEwAA#v=onepage&q=revista%20contemporanea%20de%20portugal%20e%20brasil%204&f=false>

avulso de 300 réis, podendo ser assinada anual (2\$000 em Lisboa, 2\$500 na província) ou semestralmente (1\$100 e 1\$350, respetivamente) em várias livrarias de Lisboa e Porto²³. Nenhuma referência é feita à venda no Brasil.

Podemos supor que sem o suporte do capital de **António Brederode** e impulsionada apenas pelo esforço voluntarioso mas errático (como o descreve Sousa Costa) de **Ernesto Biester** — que até ficou temporariamente impedido de a dirigir, delegando em **Silva Túlio**²⁴ —, a **Revista Contemporânea** tenha soçobrado ante as dificuldades. O n.º 12 do quinto volume (de 31 de Março de 1865), apesar da tiragem «média excelente» de 2500 exemplares²⁵, foi o último a sair a público.

Por Pedro Teixeira Mesquita

Lisboa, HML, 6 de Dezembro de 2013.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Adriano da Guerra – *Dicionário de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999. (Estudos).

BASTOS, Sousa Bastos – *Carteira do artista : apontamentos para a história do teatro português e brasileiro....* Lisboa: Antiga Casa Bertrand – José Bastos, 1898.

BASTOS, Sousa – *Dicionário do teatro português*. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1908.

BREDERODE, António Xavier de – *Paixão de um janota : António Xavier de Brederode : diário de um fidalgo lisboeta de meados de novecentos [sic]*, introd., fixação de texto e notas de Fernando Brederode Santos. Lisboa: Gradiva, 2006.

CABRAL, Alexandre – “Revista Contemporânea de Portugal e Brasil”, in *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Editorial Caminho, 1988, p. 561.

CASTELO BRANCO, Camilo – *Curso de literatura portuguesa*, 2ª ed., pref. de Viale Moutinho. Lisboa: Editorial Labirinto, 1986. (Reaver).

CORREIA, Rita – “Ilustração Luso-Brasileira : jornal universal” [Em linha] [Cons. 5 Dezembro 2013] Disponível na WWW: <URL <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/IlustrLusoBr.pdf>>.

²³ Em Lisboa: Bertrand & Filhos (Chiado), Silva Júnior (Rossio), Ferin (Rua Nova do Almada), Bordalo, Lavado, Arsejas, Campos Júnior e Pereira (Rua Augusta), Livraria Central, José Rodrigues & C.ª (Rua do Ouro), Zeferino Inácio Mateus (Rua dos Capelistas), Batista (Calçada dos Paulistas), José Batista Morando (Conceição Nova); no Porto: Jacinto António Pinto da Silva e Viúva Moré.

²⁴ V. *supra*, nota 17.

²⁵ Ernesto Rodrigues, *Cultura Literária Oitocentista*, p. 15.

Dicionário cronológico de autores portugueses, vol. II. Mem Martins: Publicações Europa-América, [1990].

Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX), dir. de Zília Osório de Castro e João Esteves. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédica, Lda., 1978.

Jornais e revistas portuguesas do século XIX. coord. e org. Gina Guedes Rafael e Manuela Santos. 2 vols. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1998-2002. (Bibliografias).

PEREIRA, António Xavier da Silva – *Diccionario jornalístico português* [Recurso eletrónico]. Lisboa: Academia das Ciências, 2009.

RODRIGUES, Ernesto – *Cultura literária oitocentista*. [Porto]: Lello Editores, 1999. (O Mocho de papel).

RODRIGUES, Ernesto – *Mágico Folhetim : literatura e jornalismo em Portugal*. Lisboa: Editorial Notícias, 1998. (Artes e ideias).

RODRIGUES, Ernesto – “Revista Contemporânea de Portugal e Brasil”, in *Dicionário do Romantismo Literário Português*, coord. de Helena Carvalhão Buescu. Lisboa: Editorial Caminho, 1997, pp. 465-466